

Sinais de cena 7

APCT | Associação Portuguesa de Críticos de Teatro | Junho de 2007



Sinais de cena 7

Junho de 2007





Sinais de cena

N.º 7, Junho de 2007

Propriedade	APCT (Associação Portuguesa de Críticos de Teatro), em colaboração com o CET (Centro de Estudos de Teatro da Universidade de Lisboa)
Direcção	Maria Helena Seródio
Conselho Redactorial	Fernando Matos Oliveira, João Carneiro, Mónica Guerreiro, Paulo Eduardo Carvalho, Rui Pina Coelho e Sebastiana Fadda.
Conselho Consultivo	Carlos Porto, Christine Zurbach, Georges Banu, Ian Herbert, José Oliveira Barata, Juan António Hormigón, Luiz Francisco Rebello, Maria João Brilhante, Michel Vais, Nikolai Pesoschinsky
Colaboraram neste número	Ana Campos, Ana Gabriela Macedo, Ana Pais, Ana Vaz Fernandes, Anabela Mendes, Christine Zurbach, Constança Carvalho Homem, Eduardo Pedrozo, Georges Banu, João Carneiro, Jorge Loureiro Figueira, José Alberto Ferreira, Kerri Allen, Luís Varela, Luiz Francisco Rebello, Maria Helena Seródio, Maria João Almeida, Maria João Brilhante, Marta Brites Rosa, Mickael Oliveira, Paulo Eduardo Carvalho, Rui Pina Coelho, Sebastiana Fadda, Tatjana Manojlovic, Tiago Porteiro, Vanessa Silva Pereira.
	Os artigos publicados são da responsabilidade dos seus autores
Concepção gráfica	Fuselog - Gabinete de Design, Lda. fuselog@fuselog.com
Direcção, Redacção e Assinaturas	APCT - Associação Portuguesa de Críticos de Teatro Av. Duque de Loulé, 31 1069 - 153 Lisboa geral@apcteatro.org www.apcteatro.org CET - Centro de Estudos de Teatro Faculdade de Letras de Lisboa: sala 67 Alameda da Universidade 1600 - 214 Lisboa Tel. Fax: [351] 21 792 00 86 estudos.teatro@fl.ul.pt www.fl.ul.pt/centro-estudos-teatro.htm
Edição	Campo das Letras - Editores, S.A., 2007 Edifício Mota Galiza Rua Júlio Dinis 247 - 6.º E1 4050-324 PORTO Tel.: [351] 22 608 08 70 Fax: [351] 22 608 08 80 campo.letras@mail.telepac.pt www.campo-letras.pt
Impressão	Rainho e Neves
Periodicidade	Semestral
Preço	12,00 €
Depósito Legal	216923/04
Tiragem	1000 exemplares
ISSN	1646-0715
Apoios	FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E DO ENSINO SUPERIOR

Índice

Editorial

sete	As razões da crítica	Maria Helena Seródio
------	----------------------	----------------------

Dossiê temático

nove	O(s) Prémio(s) da Crítica 2006: Compromisso e tributo	Maria Helena Seródio
onze	Com Maria João Luís: Uma promessa de felicidade, apesar de tudo	João Carneiro
treze	João Lagarto: Cativante e imprevisível na interpretação de Beckett	Rui Pina Coelho
dezasseis	Refazer o deslumbramento da decifração: <i>Trilogia Flatland</i> , de Patrícia Portela	Ana Pais
vinte	João Mota e a encenação de vozes	Maria Helena Seródio
vinte e dois	Vista sonora para Trás-os-Montes	Jorge Louraço Figueira

Portefólio

vinte e três	Palcos de afecto: O Festival Internacional de Teatro de Almada	Sebastiana Fadda Rui Pina Coelho
--------------	--	-------------------------------------

Na primeira pessoa

trinta e cinco	Mário Barradas: Um impenitente fazedor de teatro	Christine Zurbach José Alberto Ferreira
----------------	--	--

Em rede

quarenta e cinco	Sobre teatro italiano na rede	Maria João Almeida
------------------	-------------------------------	--------------------

Estudos aplicados

quarenta e sete	"É verdade. Mas...". Duas proposições sobre a censura	Luiz Francisco Rebello
cinquenta e três	Primeiro Acto – Clube de teatro	Eduardo Pedrozo
cinquenta e nove	As mulheres (in)visíveis de Luísa Costa Gomes	Vanessa Silva Pereira
sessenta e dois	Por um actor europeu...	Georges Banu

Notícias de fora		
sessenta e nove	Richard Foreman está "acordado". E a nossa "mente inconsciente"?	Kerri Allen
setenta e três	Um incompreensível esquecimento	Tiago Porteiro
setenta e seis	Prémios de teatro regressam à Grécia muitos séculos depois	Maria Helena Seródio
Passos em volta		
oitenta e um	Um dia particular na vida das criadas em Veneza segundo Goldoni	Christine Zurbach
oitenta e quatro	Uma perturbadora encenação da história	Maria Helena Seródio
oitenta e oito	Um misantropo para todos os tempos	Maria João Brilhante
noventa e um	Um teatro poético e popular	Paulo Eduardo Carvalho
noventa e quatro	Um puro animal	Constança Carvalho Homem
noventa e sete	Uma dramaturgia tchekoviana	Mickael de Oliveira
cem	"Bang bang (my baby shot me down)"	Ana Vaz Fernandes
cento e três	Realidade e ficção em tempo de guerra	Christine Zurbach
Leituras		
cento e seis	A peça bilingue de Hélia Correia	Tatjana Manojlovic
cento e oito	Voos de condor e ziguezagues de morcego	Luiz Francisco Rebello
cento e dez	O teatro segundo Tarantino	Sebastiana Fadda
cento e treze	Lessing e as vespas	Anabela Mendes
cento e quinze	A memória do teatro como "restauro imaginário"	Ana Gabriela Macedo
cento e dezoito	Publicações de teatro em 2006	Sebastiana Fadda
Arquivo solto		
cento e vinte e dois	A revista <i>De teatro</i> : Uma visão parcial da dramaturgia portuguesa dos anos 20	Ana Campos

Tatjana Manojlovic
é doutoranda de Estudos
de Teatro (Faculdade de
Letras da Universidade de
Lisboa)
>

A peça bilingue de Hélia Correia

Tatjana Manojlovic

Hélia Correia, *Desmesura: Exercício com Medeia*, Lisboa, Relógio D' Água, 2006, 52 pp.

O mundo dramático da romancista e poeta Hélia Correia começou em 1991, quando a editora Dom Quixote publicou as suas primeiras obras teatrais: *Perdição: Exercício sobre Antígona e Flórela*.

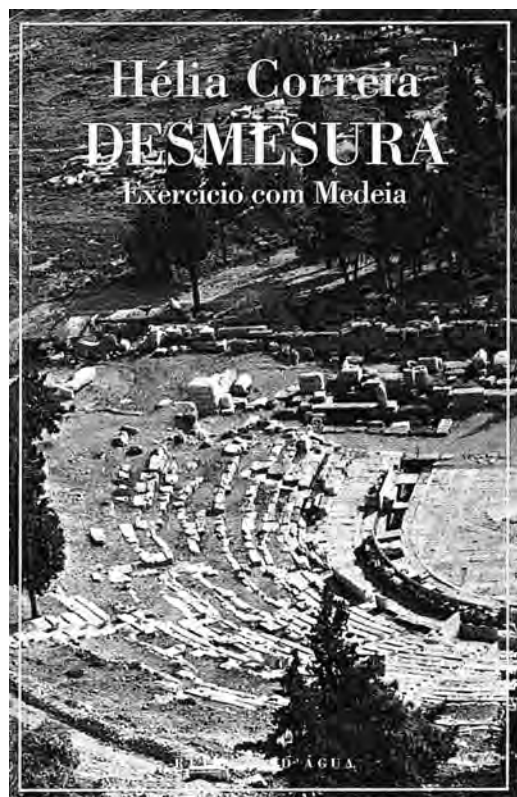
Perdição não foi apenas a primeira peça da autora, mas também o início de uma insigne trilogia alicerçada na mitologia grega, da qual fazem parte *O rancor: Exercício sobre Helena* (Relógio D' Água, 2000) e esta *Desmesura: Exercício com Medeia*. Embora as três recriações sejam diferentes nas suas estruturas dramáticas, elas estão unidas pela abordagem inovadora de mitos, pertencentes aos ciclos gregos dos Sete Contra Tebas (*Perdição*), da Guerra de Tróia (*O rancor*) e dos Argonautas (*Desmesura*), e pela explícita designação, em subtítulo, de *Exercício*.

A autora dedica o seu mais recente texto dramático, *Desmesura*, a Eurípides, cuja *Medeia* tem, ao longo dos anos, influenciado numerosas peças da dramaturgia universal. A intriga de *Desmesura* segue o enredo euripídico e fala-nos da última noite e manhã de Medeia na corte em Corinto, enquanto refugiada com a sua família.

Composta de três partes, a peça abre com o Lamento pelos heróis e o Hino a Hécate, entoados pelos dois coros, cujas palavras simbolizam o forte contraste entre as visões feminina e masculina. Enquanto os homens choram a morte dos seus compatriotas guerreiros, o Hino a Hécate é dedicado a uma deusa ctónica, maga e antepassada de Medeia. Ao mesmo tempo é estabelecida uma outra confrontação dominante ao longo da peça: a que opõe o mundo dos humanos/mortais ao mundo divino/imortal, personificado por Medeia.

Como a sua homóloga euripídica, Medeia domina todo o drama. A protagonista heliana é caracterizada pela sua personalidade superior e pelo seu desmesurado amor por Jasão. Desmesurado, apenas na visão dos mortais que a rodeiam – cidadãos gregos que a temem, incluindo o seu marido, o herói da época que roubou o velo de ouro. Desde logo está latente o medo dos poderes de Medeia, misturado com inveja das mulheres pela sua individualidade semidivina.

Os conflitos que nascem no círculo das cinco personagens, originados pela cisão anteriormente mencionada, evoluem em sequenciais confrontos entre as escravas (Melana, Éritra e Abar) e os seus senhores (Jasão e Medeia) ou entre os gregos (Jasão, Melana, Éritra) e as bárbaras (Medeia e Abar). As identidades étnicas das figuras são sublinhadas quer pela linguagem que usam, quer pelas suas aparências físicas.



Na estrutura linguística, a autora cria diálogos com réplicas breves. As falas de Medeia são poeticamente sublimes e apresentam os mais belos passos da peça: "Como eu fui destinada para Jasão, ainda antes que o tempo começasse. É com ele que eu respiro e me alimento, não com o ar, não com os frutos..." (p. 38).

Na sua primeira aparição em cena, Medeia fala uma língua estrangeira que só Abar compreende. Na didascália (p. 22), a autora aponta o diálogo inicial da protagonista e outras réplicas que, numa representação cénica, deveriam ser ditos em geórgico moderno, uma das línguas caucasianas que no palco substituirá o colco, a língua pagã de Medeia. Esta é precisamente a componente mais visível do confronto entre o grego e o bárbaro – a língua que não se percebe na Grécia e que une a protagonista e a sua serva núbica na posição humilhante de serem estrangeiras entre cidadãos que as desprezam. Abar personifica o espírito de Medeia, a sua última ligação com a pátria e os pais que em tempos traiu. Ao criar o discurso bilingue para o palco, a autora descortina a existência de mais um idioma, não falado, escondido no coração moribundo da serva egípcia: "Eu lembro bem a minha língua de infância, a núbica." (p. 24). Contudo, nem esta



<
Medeia,
de Eurípides,
enc. Yukio Ninagawa,
1983 (Tokusaburo Arashi
no papel de Medeia),
fot. Alaister Muir.

língua de sol, nem a de um "doce país dos montes e dos nevoeiros" (p. 48) soam bem aos ouvidos gregos.

Enquanto na sua fala inicial a antiga princesa da Cólquida obriga Abar a responder em colco (p. 22), porque "falar com ela é tudo o que me resta" (p. 24), mais tarde, Medeia pede-lhe para dizer o que sente por ela e usa a palavra "amor" (p. 36). Nenhuma das escravas compreende a primazia do amor que sustenta a sua senhora, nem acreditam que ela o possa sentir por uma serva negra de vulto selvagem aos olhos dos gregos. Se neste passo Medeia fala do amor, ela não encontrará a palavra certa para descrever os seus sentimentos por Jasão: "Eu bem a procurei, essa palavra nova. Não existe. Se houvesse uma palavra, eu poderia talvez achar conforto, convertê-la num sentimento que me consolasse" (p. 38).

Pela profundidade do seu sofrimento e pela dedicação absoluta à única motivação da sua vivência no mundo dos mortais, encontramos uma certa compaixão por Medeia. Ela tenta adaptar-se ao mundo dos humanos: pinta o cabelo de vermelho, para ser mais parecida com a sua rival; emudece quando sabe da traição do marido; fala da sua família da Cólquida, da sua terra e da língua, e consegue controlar a sua identidade semidivina até à

última rejeição do marido. A partir daquele passo (p. 50), Medeia solta a sua raiva, desmesurada diante de um mundo de oportunistas e cobardes, de mulheres e homens medíocres. Ao assassinar Abar e os filhos, Medeia destrói as suas únicas preciosidades – a língua e o amor –, e aniquila a sua parte humana.

O teatro de Hélia Correia é o de forte domínio da palavra e de construção dramática variável. Um teatro distinto, quase íntimo, onde os temas helénicos da nossa herança universal passam a ser histórias pessoais sobre o amor, amizade, família, traição e vingança. Onde as personagens femininas superam as posições deuteragonistas e revelam consciência e poder em confrontos mentais e psicológicos com as figuras masculinas.

Hélia Correia conseguiu com *Desmesura: Exercício com Medeia* criar o seu melhor texto teatral. Um desafio intelectual e artístico para futuras encenações num palco bilingue, numa sociedade aparentemente cada vez mais multilingue.